



AGERIO

Agência Estadual de Fomento

na mídia

www.agerio.com.br

VEÍCULO: O Globo

DATA: 07/10/13

EDITORIA: Rio

Crédito muda a vida de empreendedores de áreas pacificadas

Dois quartos viram hostel, e taxista cria minimercado no Morro da Coroa. No Alemão, morador expande bistrô, que atrai turistas

SELMA SCHMIDT
selma@oglobo.com.br

Um empurrãozinho financeiro e uma boa ideia. Empréstimos, que variam de R\$ 300 a R\$ 15 mil, concedidos pela Agência Estadual de Fomento (Age-Rio), têm mudado a vida de microempreendedores de favelas das áreas pacificadas da cidade. Dois quartos de uma casa no Morro da Coroa, em Santa Teresa, viraram o Coração da Coroa, um pequeno hostel; na mesma favela, uma cabeleireira colocou até ar-condicionado no salão que montou na garagem de sua casa; e, no Alemão, um casal conseguiu dar um upgrade num bistrô bem transado, que tem cervejas de mais de 150 marcas especiais.

Com o crédito, a juros de 0,25% ao mês (3% ao ano), empreendedores estão reformando, ampliando e até abrindo seus primeiros negócios em comunidades com UPPs. É o programa Microcrédito Produtivo Orientado. Hoje, em solenidade no Palácio Guanabara, será comemorada a entrega da milésima carta de crédito. Na verdade, o projeto, que começou em 2012, realizou até 30 de setembro 1.080 operações, que somam R\$ 5,5 milhões. A meta, segundo o presidente da Age-Rio, Domingos Vargas, é chegar no fim deste ano a dois mil empréstimos, estimados em R\$ 10 milhões. Até dezembro de 2014, a agência pretende liberar R\$ 35 milhões para sete mil pessoas.

— O objetivo do programa é incrementar a economia formal nas comunidades com UPPs, gerando emprego e renda. Antes da pacificação, havia uma economia muito informal e marginal nessas áreas — diz Vargas.

Há dois anos, Octaviano Gomes de Araújo chegou à Coroa, para trabalhar na implantação da coleta seletiva de lixo na favela. De repente, o estalo: por que não transformar em hostel dois dos três quartos de sua casa? Em dezembro do ano passado, ele pegou um empréstimo de R\$ 3,5 mil, comprou caixa d'água, melhorou as instalações elétricas e hidráulicas e decorou a casa. Cada quarto ganhou uma cama de casal e uma de solteiro. Quando há mais hóspedes, a saída é improvisar, usando colchonetes.

— Paguei o financiamento com o que ganhei no réveillon e no carnaval — comemora Octaviano.

O novo microempresário cobra R\$ 50 pelo pernoite de brasileiros. Já para os gringos o valor é US\$ 50. Todos com direito a café da manhã e a brindes: um par de sandálias havaianas e uma canga.

A laje da casa também será bem aproveitada. Bom de negócio, Octaviano está conversando com duas empresas que deverão custear a implantação de um espaço zen, com ofurô e banheira de hidromassagem. Mais um atrativo para os hóspedes, que também poderá ser usufruído por pessoas da comunidade.

Outro morador da Coroa, o taxista João Henrique Vargas da Silva começou vendendo cestas básicas com entrega em domicílio. Com a casa entulhada, ele viu a necessidade de ampliar o espaço e o negócio. Afinal, faltava na comunidade um minimercado. Há um ano, alugou uma loja por R\$ 900, na Rua dos Coqueiros, em cima do Túnel Santa Bárbara, e buscou ajuda financeira. Em 2012, pegou empréstimo de R\$ 5 mil. Este ano, conseguiu mais R\$ 11 mil. O Nossa Cesta Express cresceu.

— Ainda não consigo largar o táxi. Estou tirando cerca de R\$ 5 mil líquidos por mês com o minimercado. Mas, aos pou-



No Alemão. Marcelo brinda com um grupo do Festival Sud de France, que este ano foi aberto em seu bistrô na favela Nova Brasília

ANA BRANCO



Na Coroa. Octaviano em seu hostel

cos, pretendo circular menos com o táxi. É estressante — revela ele.

Também na Coroa, a cabeleireira Sandra Mara Satique é só entusiasmo. No Satick Hair — salão com ar-condicionado que montou na garagem de casa —, ela só atende com hora marcada:

— Tenho quase 200 clientes, a maioria da Zona Sul. Trabalho até domingo.

Sandra morava e trabalhava numa vila no Flamengo. Suas clientes a acompanharam quando ela se mudou para a Coroa, há um ano e meio. A cabeleireira já está na segunda carta de crédito (uma de R\$ 5 mil e outra de R\$ 12 mil) e tem no marido um aliado:

— Ele é taxista. Algumas freguesas, ele pega e leva em casa de carro.

O setor de vestuário é o que mais atrai os microempreendedores, seguido por beleza e estética, comércio de alimentos e bar e lanchonete. Há postos fixos da AgeRio nas comunidades, e funcionários da agência percorrem as favelas para buscar interessados.

Em junho, Marcelo Ramos Andrade pegou um empréstimo de R\$ 8 mil para ajudar a equipar seu bistrô, que completa um ano em novembro, na entrada da Nova Brasília, no Complexo do Ale-

mão. O Estação R&R é um espaço bem transado que Marcelo montou na garagem da casa dos sogros.

Quem vai ao Estação R&R encontra campeões de audiência como bolinhos de costela e de feijoada. Por R\$ 40, come-se um filé aperitivo, ao molho madeira, com tiras de alpim e bordas de queijo, servido em chapa fumegante.

— O bistrô vai bem, mas não gosto de falar de valores. Tem ar-condicionado e Wi-Fi. É um bistrô de qualidade. Estou pensando em sair do emprego para me dedicar só a ele — diz Marcelo, que trabalha numa empresa de telefonia.

Que o diga o casal Orlando Barros de Oliveira e Anamaria Montes, que sai do Recreio para frequentar o bar.

— É um lugar muito bacana, que atrai muito gringo. Agora, o Alemão é uma tranquilidade — conta Orlando.

De tão badalado, o lugar foi palco, na noite da última quinta-feira, da abertura da sétima edição, no Rio, do Festival Sud de France, com novos vinhos do Sul da França, que vai até o dia 20, em 162 estabelecimentos de Rio, Niterói e Itaipava. Pela primeira vez, um espaço em uma favela integra o roteiro de participantes do evento. ●